

**EXPRESSÕES PLÁSTICAS E COMUNICAÇÃO VISUAL  
AS VIAGENS – CONDUTORES REFERENCIAIS CRIATIVOS  
INTERCULTURAIIS**

**PLASTIC EXPRESSIONS AND VISUAL COMMUNICATION  
TRAVELING - INTERCULTURAL CREATIVE DRIVERS AS A  
REFERENCE**

**Maria Assunção Pestana**

Membro Externo do CIEC, Universidade do Minho

Artista plástica

caopestana@gmail.com

**Estela R. Lamas**

Membro da Comissão de Aconselhamento Científico, CEI - ISCAP, Porto

Membro da Comissão Científica da APIE

Investigadora do Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto

Coordenadora do Mestrado em Pedagogia e Didática,

Universidade Metodista Unidade de Moçambique.

estela.lamas@mac.com

**RESUMO:** Na sociedade global atual, a maior facilidade de mobilidade a nível etário e de produção artística, decorrentes dos contatos formais e não formais multiculturais e complexos, as viagens/intercâmbios sugerem e geram, no campo das Artes Plásticas/Comunicação Visual, estratégias específicas nas dinâmicas atuais de ensino-aprendizagem, na formação e divulgação artísticas contemporâneas. Constatamos que viagens/intercâmbios de curto ou longa duração, (in)diretamente potenciam ações artísticas nas comunidades locais de origem e/ou naquelas onde atuam, cujo formato

artístico híbrido vem dar a conhecer, por meio dos seus intervenientes e criadores, efabulações, assimilações e reapropriações artísticas desses mesmos lugares. É o caso das residências artísticas promovidas e em contato com a escola, universidades e comunidade. Apresentamos a pesquisa, em que nos envolvemos, no Ensino Básico, que tem por objetivo principal destacar a importância da produção de imagens híbridas, decorrentes dos intercâmbios artísticos, (inter)multiculturais, em prática, em diferentes instituições e comunidades.

**PALAVRAS CHAVES:** Artes plásticas, comunicação visual, viagens, intercâmbios, residências artísticas, dinâmicas multiculturais.

**ABSTRACT:** In the global society we find nowadays a greater and easier mobility at all age levels regarding artistic production which result from multicultural and complex contexts, resulting from formal and non-formal contacts, travelling and exchanges which suggest and generate specific strategies in the current teaching-learning dynamics giving rise to contemporary artistic training and dissemination in the field of Visual Arts and Visual Communication. We find that travelling or exchanges of short or long duration directly or indirectly enhance artistic actions in local communities where artists are called to act. The hybrid artistic format spread fabulations assimilations and new appropriations of these places. This is the case of artistic residencies created integrating school universities and social communities. This research aims at highlighting the importance for basic education of the production of hybrid images as a result product of inter and multicultural artistic exchanges in different institutions and communities.

**KEY WORDS:** Artistic residencies, exchanges, multicultural dynamics; plastic arts, travel, visual communication.

## **Introdução**

Centrada na promoção das autoaprendizagens artísticas, esta pesquisa serve-se de diários de bordo e registos (auto)biográficos visionados em exposições, redes, plataformas, enquanto meios/técnicas/ferramentas relevantes para a monitorização dos

processos criativos, tanto na (re)produção/(re)apropriação artística de imagens, como na fomentação da reflexão crítica, sobre si e o outro, bem como sobre o entorno socio-artístico do qual são extraídas e manipuladas. De acordo com este pressuposto, a metodologia de investigação adotada é a qualitativa, por contemplar o tratamento de dados scripto-visuais coletados de acervos documentais, produções individuais e coletivas e outras narrativas significativas disponíveis, como sejam memórias escritas e faladas e dados logísticos considerados relevantes para um estudo deste teor. Indagar, contextualizar, problematizar, (re)interpretar/recriar e divulgar estas imagens, provenientes de *viagens/intercâmbios*, vai ao encontro dos pressupostos investigativos artísticos atuais e presentes no Plano Nacional de Artes (Presidência do Conselho de Ministros, 2019). Por último, implica-se em denotar que formatos variados de narrativas significativas visuais, emanados das *viagens/intercâmbios*, experimentais e criativas, de tipo analógico ou digital, traduzem e levam educandos e educadores para outros contextos socioculturais artísticos diferenciados, essenciais no debate urgente da cidadania, da (inter)multicultural e do reconhecimento da alteridade e sua riqueza nas nossas comunidades educativas.

### **1. As viagens criativas e interculturais – intercâmbios**

Na linha de pesquisas anteriores, este artigo debruça-se sobre a potencialidade do desenvolvimento do conhecimento artístico, através de projetos interculturais, desenvolvidos pelas/nas/para as comunidades locais e escolares, enquanto potenciadores de reencontros entre diferentes culturas – as suas interações e implicações artísticas, sociais e culturais. Anote-se que a viagem *versus* intercâmbio, nesta pesquisa, será tratada como premissa e estímulo para novas experiências artísticas, nos âmbitos formal, não formal e informal. A população escolhida, a infantojuvenil, no quadro da educação artística, dispõe de um leque de competências e modos de fazer, no campo do património – os campos das Artes Plásticas/Comunicação Visual em Educação Básica (Aznar *et al.*, 2000).

Através da implementação de projetos educativos artísticos formais e não formais, baseados no pressuposto – a *viagem* – um intercambio, propomos incentivar práticas artísticas atuais, multiculturais, amoldando um modelo de exploração artística sobre a cidadania, isto é, um modelo de cariz cívico, artístico, abrangente, transdisciplinar, multicultural/intercultural, já que fomenta o sentido (auto)crítico e

interventivo, a responsabilidade e a ética, por parte dos seus intervenientes. Seguem dois trabalhos/exemplos realizados pela autora do modelo (A.P.) em diferentes, tempos, suportes e técnicas (pintura/imagens digitais), cujas temáticas incidem no combate à xenofobia e ao racismo.

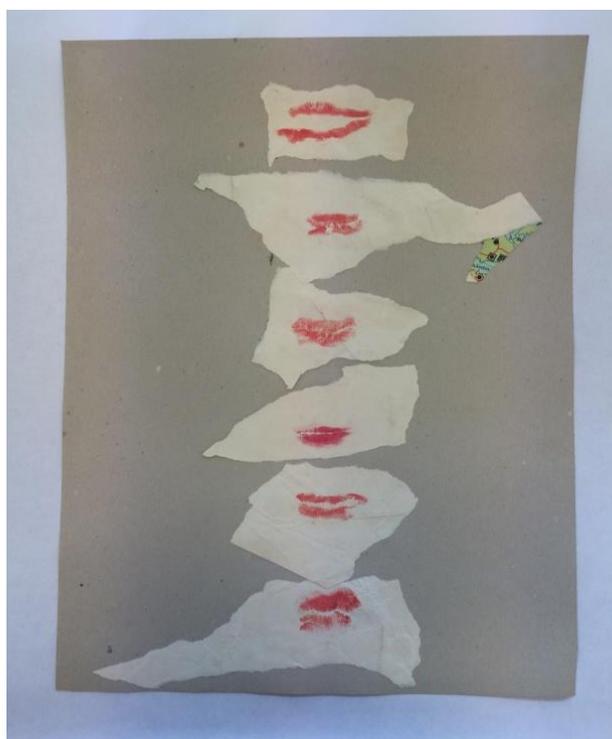


Imagem 1: "Falantes" – Autora (AP), 1992.

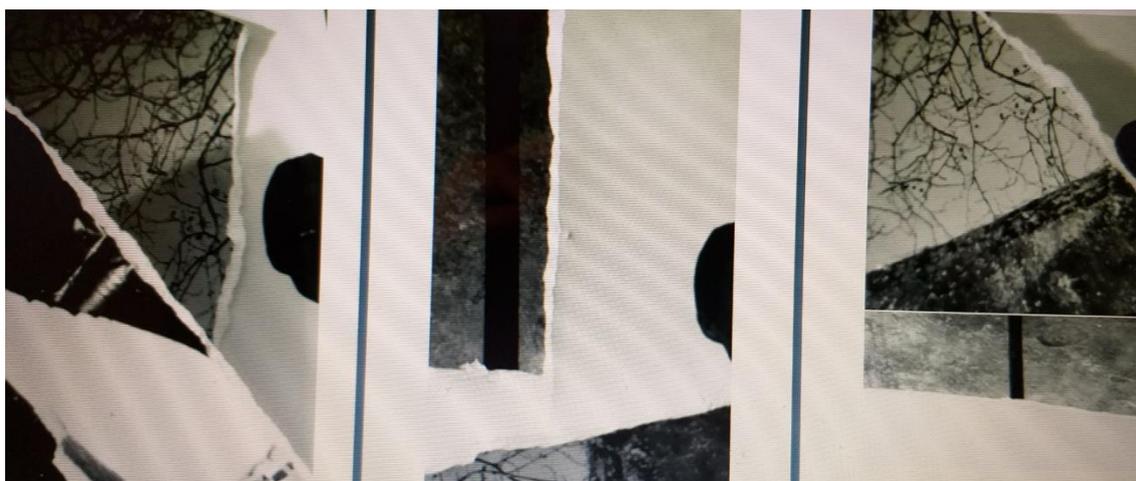


Imagem 2: "E os outros ..." – Autora (AP), 2020.

Vejamos como estas imagens (1/2) contribuem para um discurso pró-ativo e uma discussão sobre valores e atitudes, cívicos sobre o outro, o *diferente*, nas abordagens

temáticas versadas. A imagem (1) apresenta-se com uma listagem indiferenciada de marcas de lábios, enquanto referentes intercomunicativos e sugerem, pelas marcas, potenciais diálogos entre indivíduos de diferentes latitudes – os *falantes* e, ainda, pelo tratamento digital e residual de imagens disponíveis, como potenciador de meta-narrativas sobre (des)encontros, decorrentes de contatos em *viagens/intercâmbios*. Estes, porém, poderão assumir-se amistosos ou por vezes não, dependente das convicções e crenças, sobre o outro, nas micro comunidades recetoras dos mesmos. Assim, com a imagem (2), pretendemos evocar a necessidade de debate sobre:

- (i)-a intercomunicação entre falantes de origens/crenças diferentes;
- (ii)-as condições sociais de quem é chegado e que se sente estigmatizado na comunidade onde se fixa.

Daí, propormos novas estratégias socioeducativas interventivas artísticas orientadas para um público alvo infantojuvenil, por forma a potenciar não só o conhecimento artístico inerente ao ato artístico, bem como o desenvolvimento do sentido crítico sobre potenciais comportamentos e atitudes estigmatizantes por parte das comunidades, como disso é exemplo, a nossa proposta de residências artísticas temáticas extensivas a diferentes centros educativos, formais e não formais, orientados para estes níveis etários-infantojuvenil.

Visionar tempos e locais decorrentes de experiências vivenciadas, a nível individual e/ou em grupo, em *viagens* (migrações casuais e culturais), permite, desde logo, no campo didático-pedagógico, aprofundar dinâmicas interculturais e dialogantes, questionamentos e desafios, sobre realidades contemporâneas em contato, como seja o caso da xenofobia e o do racismo. Para tal, haverá que:

- (i)- procurar redefinir uma cultura visual das comunidades abordadas/tratadas, derivada dos intercâmbios/viagens e projetos, a nível do ensino básico;
- (ii)- promover uma pedagogia-didática artística apropriada à comunidade local, escorada em produtos artísticos desenvolvidos nos intercâmbios/viagens e posteriormente recriados;
- (iii)-impulsionar e fomentar a crítica sobre a produção artística decorrente de bolsas de estudo, parcerias privadas/públicas, centros educativos, residências artísticas, em galerias, museus, escolas e universidades;
- (iv)- promover a gestão e curadoria responsável por essas coleções/produções.

Por outro lado, constata-se o surgimento de programas estatizados e/ou alternativos, públicos ou privados, nas comunidades locais e regionais, que procuram responder às necessidades artístico-culturais detetadas, quer apresentando propostas de parcerias, intercâmbios variados, eventos/plataformas/redes, quer disponibilizando ferramentas e logísticas a educadores e educandos, individualmente, em grupo. Na ótica de Moraes (2009, p. 18), “as residências criam ou encontram espaço para instalar como forma de busca de reflexão, convívio e criação”; é nessa medida que os intercâmbios acontecem, proporcionando o convívio que leva à partilha de ideias, as quais geram reflexão e levam à descoberta de novas vivências artísticas que consubstanciam a interculturalidade construída.

Nos últimos anos, as residências artísticas, também conhecidas por ‘residências em trânsito’ têm-se multiplicado pelo mundo – *viagens e intercâmbios*, procurando criar condições para promover o encontro de diferentes nacionalidades, facilitando assim, por meio de práticas artísticas em áreas diversas – visuais, vídeos, fotografia, música e danças, performances diversificadas –, vivências culturais essas que levam à construção da interculturalidade e à troca de ideias, que alargam a visão do mundo, que enriquecem a(s) personalidade(s). Ao criar uma residência, durante uma viagem artística, em função de programas específicos dos locais visitados são, em simultâneo criadas oportunidades, quer para artistas, quer para habitantes dos contextos sociais. Retomando o que acima é evidenciado – oportunidades essenciais para o debate urgente da cidadania, da (inter)multicultural e do reconhecimento da alteridade. Procuramos, pois, contribuir não para a riqueza nas nossas comunidades educativas, mas também das comunidades educativas e sociais com que viermos a interagir.

Temos a oportunidade de conhecer exemplos de residências artísticas, bolsas, programas Erasmus, nacionais e internacionais, centros educativos em galerias, museus, escolas e ainda as propostas vinculativas do Plano Nacional de Artes (Presidência do Conselho de Ministros, *op.cit.*), parcerias entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, no sentido de incorporar ações focalizadas nas escolas e autarquias, artistas, universidades e empresas quando se propõe “(...) valorizar projetos com as comunidades, apoiando práticas artísticas a desenvolver com escolas, comunidades específicas ou excluídas, aproximando a arte e o património dos cidadãos, em particular das crianças e jovens.” (MC e ME, Nota à Comunicação Social).

Partindo da ideia avançada por Hernández (2000a, p. 67) de que “a arte na educação para a compreensão [da cultura visual] tem como finalidade evidenciar a

trajetória percorrida pelos olhares em torno das representações visuais das diferentes culturas para confrontar criticamente os estudantes com elas”, reiteramos que a nossa proposta, para uma residência artística *versus* viagem/intercâmbios, pretende dotar os intervenientes artísticos (residentes/ educandos/educadores) bem como os da comunidade envolvente (académica e social) de uma pauta de intenções e ações, com vista a maximizar eficácia do intercâmbio e a sua intervenção artística. Com efeito, “[t]rata-se de expor os estudantes não só ao conhecimento formal, conceitual e prático em relação às Artes, mas também à sua consideração como parte da cultura visual de diferentes povos e sociedades” (Hernández (*idem, ibidem*)).

Guião prévio de procedimentos entre as partes, em que seja exposta toda a logística necessária para a realização com sucesso de um evento artístico, que contemple viagem/estadia para o artista/bolsa de estudo assim como acordos e parcerias inerentes.
Diálogo com os diferentes parceiros sobre a proposta de produção a realizar no campo das Artes Plásticas e Comunicação Visual.
Reconhecimento e valorização das dimensões técnicas e simbólicas das diferentes produções visuais, da instituição e da comunidade.
Análise e debate das produções e dos discursos híbridos manifestados como fruto dos relatos aportados pela viagem e pelos intercâmbios construídos.
Produção de artefactos visuais e criação de um acervo com os trabalhos produzidos e, respetiva investigação transdisciplinar.
Promoção de sentido crítico e reflexivo sobre a produção exposta (física/net) – criação de um museu digital.

Quadro I: Pauta de intenções e ações para uma residência artística.

A nossa proposta tem presente a valorização que o PNA recomenda para a criação de projetos integrados nas comunidades, sejam elas comunidades aceites ou rejeitadas culturalmente, com ênfase na relação a estabelecer entre a arte, a cidadania e o património, muito particularmente, nas idades da infância e da juventude, fases da vida em que o desenvolvimento humano mais precisa de condições favoráveis à aprendizagem, seja em termos de conhecimentos e competências – o *saber* e o *saber fazer*, seja em

termos de atitudes, comportamentos e relacionamento social, evidenciamos – o *saber ser e estar*, o *saber conviver*, para poder desenvolver-se e vir a sentir-se ‘cidadão do mundo’, assumindo-se ‘inclusivo’, no relacionamento com o outro e ‘colaborativo’, na partilha mútua de saberes, valores, atitudes. Por isso mesmo, temos em atenção as recomendações deixadas no PNA (Presidência do Conselho de Ministros, *op.cit.*):

O programa será estruturado tendo em conta a diversidade sociocultural, patrimonial e artística do território de cada agrupamento (...) os agrupamentos e escolas interessados podem receber um artista nas suas instalações. Durante o ano letivo, além de ter um ateliê na escola, o artista terá a responsabilidade de apoiar a comunidade educativa, introduzindo mais processos e práticas artísticas.

No nosso entender, ao tentarmos criar condições para dar (com)sequência à proposta do PNA e para alcançar aos objetivos perfilados, procuramos, desde logo, a conceção da cultura visual, suportada em diferentes autores (Fiz, 1997; Acaso, 2009; Hernández, 2000b; Freedman, 2005), dimensiona, desde logo, através de práticas artísticas que resultem em imagens de *contatos/viagens/intercâmbios* concentradas num lugar-comunidade, onde se ampliam formatos narratológicos visuais significativos, numa perspetiva da arte contemporânea. Os deslocamentos e experiências apreendidas nas *viagens/intercâmbios* potenciam a rede de contatos artísticas e criativos por excelência, entre as comunidades. De acordo com Arantes (2005), o formato digital, hoje explorado artisticamente, contribui para as recriações desses mesmos registos. Na nossa ótica, o contributo alarga-se, na medida que não só se consubstancia em registos, mas também nos perfis de quem se envolve e é envolvido, nas explorações artísticas.

Assim, a Expressão Plástica e a Comunicação Visual, seus estudos e práticas de registo de imagens, sobre/no/do entorno em comunidades educativas diferenciadas culturalmente, favorecem o (re)conhecimento artístico entre pares e problematiza a des(re)construção visual dessas mesmas realidades em estudo. Quando fixadas estas, em imagens, vão-se ampliando e replicando em outras meta-narrativas visuais, consequentes dessa produção artística híbrida entre/nas comunidades, por educadores e educandos. De facto, “[e]sse enfoque compreensivo trata de favorecer neles e nelas uma atitude reconstrutiva, ou seja, de autoconsciência de sua própria experiência em relação às obras, aos artefactos, aos temas ou aos problemas que trabalham na sala de aula e fora dela.” (Hernández, *idem, ibidem*).

Exemplos de registos de contato visual – fotos e registos visuais, feitos por alunos no exterior da escola, numa visita e/ou em contato com o outro, que o residente

artístico e as comunidades propiciam, são fatores de motivação e implicação nas aprendizagens (o conhecimento, o eu, o outro, o contexto, a socialização). Como existe uma deslocação, esta também poderá ser entendida como viagem por haver deslocamento e contato com outras realidades socioculturais.

## **2. Viagens criativas e dialogantes**

A metodologia a adotar será de tipo qualitativo narratológico, contemplando narrativas significativas semântico-visuais de diferentes fontes e origens (Nóvoa (org.),1992; Coyle, DeVriese & Schneider, 2008). Embora esta tipologia seja contestada por certos investigadores, por nela estar contida a capacidade de subjetividade, a que se recorre na resposta à necessidade de ser o ‘eu’ investigador a sistematizar, cruzar e tratar dados múltiplos, contudo, ela abre vias para a objetividade, isto é, a focalização no ‘objeto’ em estudo. Esses dados múltiplos sejam eles resultantes das experiências relatadas de viajante/intercambio/residente artístico, de registos, de acervos documentais, de debates sobre imagens, sejam produzidos, através dos intercâmbios artístico-culturais, de diferente proveniência (residentes artísticos, educandos educadores, escola e comunidades), contribuem para a objetividade de que uma investigação científica e caracteriza, não ignorando a especificidade de cada realidade (contexto e intervenientes).

As autoaprendizagens artísticas amplificadas no âmbito da viagem/intercâmbio e respetiva fixação numa comunidade, quer sejam realizadas por residentes artísticos ao longo do processo de contato criativo, quer sejam pela comunidade educativa/alunos do Ensino Básico ou outros, onde são percecionadas através de imagens, percursos, roteiros, intenções e descrições sobre a realidade tratada em seus diários de bordo, acompanhados de descrições e/ou/colagens de imagens dos sítios e situações vivenciadas, elementos residuais/fotos, desenhos registos (auto)biográficos e outros signos de pertença.

### **2.1. Trilo metodológico na construção de relatos/retratos de viagens pessoais e grupais, de educador(es)/ educando(s)/visitante(s)**

Junto com estes elementos atrás descritos, trabalhos temáticos realizados por alunos e educadores, presentes em exposições nas redes, plataformas ou mesmo num museu virtual; caso exista, ou se proponha a concretizar, espelham o outro olhar de quem vive nessa comunidade e é influenciado criativamente pelo viajante/intercâmbio ou

residente artístico em questão. Vejamos o exemplo de uma exposição (real e virtual) projetada nesse modelo intitulada “Avatares-Autorretratos” (2010), na Universidade Autónoma de Madrid, apresentando trabalhos artísticos realizados por estudantes em várias instituições universitárias, intercontinental, promovida por Angeles Saura (2010-2013), o que nos motivou para estes tipo de intervenções/ações educativas, já que a autora desta pesquisa foi uma das participantes da mesma (Saura, 2013).

Enquanto ferramentas relevantes na monitorização dos processos criativos, estes registos visuais promovem temáticas de exploração e de estudo sobre a (re)produção/(re)apropriação artística. Quando assumidos como estratégias de sensibilização e motivação artística, estes registos fomentam a reflexão crítica, sobre si, sobre o outro e sobre o entorno/o contato intercâmbio, sob um olhar socio-artístico contemporâneo.

Se, por um lado, o ato de viajar comporta em si a alteridade experienciada no intercâmbio, emergente das migrações casuais artísticas e culturais de educador(es)/educando(s), por outro, as *viagens*/intercâmbios assumem-se como referenciais formativos multiculturais, numa educação artística, que se pretende seja arte contemporânea, em diferentes níveis etários, neste caso particular, o infantojuvenil. De teor qualitativo, esta metodologia apresenta-se dialógica entre os domínios da arte – espaço-registo e didática do lugar, enquanto mediadora dos registos de ações e vivências socioculturais, listadas no seu decurso. De cariz heurístico, esta opção metodológica permite-nos ainda resgatar a sua dimensão de procura e descoberta – implícita/explicita, em todo o processo investigativo.

Tratando-se ainda de uma pesquisa etnográfica, os textos produzidos ocorrem da observação e experiência em espaço, dinâmico – *viagem*/intercambio artístico-cultural-social, através da produção, formulação de questionamentos, desafios e proposições, entre educandos e educadores. Sustentada no pensamento que ressalta do tema da *viagem-intercambio-migrante*, referido por Brill (1991, p. 11, citado por Pestana, 2010, p. 29) como “L’ être humain est un migrateur”, procuramos realçar a dimensão explícita multicultural e de alteridade contida no ato de viajar/intercâmbio, sendo que a situação de (i)(e)migrante, casual ou permanente, relativa a diferentes níveis etários, no campo artístico-cultural, leva a que educandos e educadores, reflitam essas influências partilhadas em seus registos semântico-visuais – visão do eu/visão do outro/visão do mundo; falamos da dimensão ontológica da língua e da estética, que contribuem para que o ser humano ganhe uma maior amplitude internacional do ser com o(s) entorno(s), levando à sua a modelização do mundo (Lamas, 2011).

Com interferências e interações diversificadas, as vivências, memórias após serem registradas em imagens fixas ou em movimento, tendem a fixar um espaço temporal definido e afetivo, através de um processo de resgate narrativo scripto-visual, constituído de descrições de registos e de imagens alistadas, encadeadas em relatos sobre técnicas, espaços, ferramentas usadas e vivências experienciadas, ao longo de diferentes tempos e espaços. Como Pestana (*op.cit.*, p. 29) relata,

[d]aí resulta(m) o(s) discurso(s) que emerge(m) num momento que se pretendia ser conclusivo, mas que, apesar de tudo, se reabre a novas migrações – os discursos emergem, pois, (in)conclusivo(s) e ambíguo(s) como diria Todorov (1980), ambíguos porque resultantes de episódios vividos numa vida que se espalhou e dispersou por *locus* e *tempus* vários.

Ainda sobre a metodologia adotada, conducente à construção de novos significados e a (re)interpretações, a autora destaca que “estas ferramentas emergem como recursos adequados e propícios aos objetivos operativos e afetivos delineados para a Educação artística – a *Cultura didática – Educação artística e em Arte – Gaia Didática e Porto Didática.*” (Pestana, *op.cit.*, 30). Procuramos deste modo, como em anteriores pesquisas realçar a importância desta metodologia respeitante à educação artística e didática focalizada num lugar dialogante e criativo. Realçamos, pelas palavras de Lamas (*op.cit.*, p. 126), que

[s]endo a educação, do ponto de vista psicossociológico, o processo que visa preparar as gerações novas para o papel a desempenhar na comunidade, a didáctica é, no conceito lato da educação, o espaço de encontro presente/futuro, ou seja, a preparação das gerações novas para a sua inserção na comunidade.

Trazendo esta metodologia, por nós adotada em investigações anteriores, evidenciamos que a mesma é agora orientada para a temática *viagem/intercâmbio – um processo formativo criativo*; ela serve para contribuir para uma didática multicultural de viagem/intercâmbio, com base nas narrativas e autobiografias de educador(es)/educando(s) em situações não formais e informais, como residentes artísticos, com as suas recriações e reconstruções saberes artísticos, que se assumem mais-valias contemporâneas, (trans)formado o antigo em novo, o museológico em comunitário.

## **2.2. Mapeamento e registos**

E, assim, fontes documentais, vivências experienciadas e respetivos registos visuais, catalogados e reutilizados, perfazem um itinerário descritivo sobre o deslocamento – o ‘locos’ que se extravasa, que (trans)borda, como meio, como motivação, levando ao encontro do ‘eu’ com o ‘outro’ numa comunidade, através de uma amplitude de dimensão internacional do ser com o mundo; com efeito, segundo Lamas (*op.cit.*, p. 165) representações simbólicas específicas de um grupo ou de uma cultura (...) como se cada grupo étnico, no seu ajustamento ao mundo, dele fabricasse uma versão; e, porque o grupo transfere os seus valores e vivências para essa versão, ela é-lhe própria e exclusiva, podendo, no entanto, coincidir em alguns aspectos com as visões configuradas por outros grupos.

A língua e a arte estão ao serviço do ser, como instrumentos ao serviço da compreensão do próprio ‘eu’, da compreensão do ‘outro’, da compreensão do ‘mundo’. É assim que educadores/educandos, nas suas *viagens*, ao saírem de si, ao se confrontarem com outros seres e outros *locos*, vão continuamente recriando o mundo, (trans)formando-se. Mudam de tempo e de espaço; mudam o seu próprio ser.

A viagem/intercâmbio, potenciador(a) de trocas de experiências e aprendizagens, promove no quadro da educação artística, uma didática da viagem, que poderá ser efetivada, presencialmente, ou via digital, ou ainda em simultâneo, privilegiando os encontros com outras realidades, socioculturais e formativas, a troca de saberes e formatos artísticos, abordagens à expressão individual e coletiva. Promove estes intercâmbios (inter)(multi)culturais com a produção de imagens no contexto socioeducativo sustentado por uma postura de alteridade, na sua ação e interdependência com o outro, através:

- (i)-de vivências no âmbito do ensino artístico;
- (ii)-da exploração de discursos de viagens no meio educacional;
- (iii)-do registo de uma Cultura Visual e de uma Cultura Didática de um lugar.

Com base nos registos promovidos pela viagem/intercâmbio/residência artística, suas interações, assimilações e permutas, procura-se deste modo desenhar um campo exploratório temático no domínio educativo artístico, que apele à capacidade interventiva individual e de grupo, que fomente *viagens* e *intercâmbios*, entre sujeitos, localidades, países e continentes, como modo de educar para a diferença, para a inclusão, para o *saber conviver*. Daí resultam os registos das vivências e os consequentes mapeamentos, os quais servirão para envolver mais sujeitos na *viagem/intercâmbio* estratégia que criará os

condutores *referenciais criativos interculturais*, que defendemos como indispensáveis à educação e que constituem o desafio para manter em ação esta investigação.

### **2.3. Narrativas visuais significativas – recetores e condutores interculturais: o Museu virtual**

Sendo as narrativas visuais significativas, ora recetores ora condutores, os intercâmbios interculturais artísticos definem, cada vez mais, *modos de ser e fazer artístico* próprios e adequados (Blanco & Carrillo, 2001), pois refletem experiências afetivas, vivências e não apenas imagens ilusórias, posições críticas decorrentes desse contatos. Promovem, como é evidente, o debate sobre a investigação, hoje, sobre as imagens coletadas em *viagens/intercâmbios* em outros espaços e tempos, abrem vias para novas experiências re(i)novadoras, (trans)formam-nos e promovem a compreensão/aceitação do ‘outro’, da sua cultura, da sua forma de ser e estar. Acaba a xenofobia; acaba o racismo. Constrói-se a sustentabilidade do ser humano – especificidade e complementaridade.

Aprendizagens e replicações visuais, formais, não formais e informais são partilhadas em suas vertentes analógica e digital, sugerindo uma outra interação e intervenção educativa sobre as imagens observadas e retidas em coleções disponíveis em conteúdos analógico e/ou digital. Constituem-se o nosso acervo /museu digital. Neste sentido, corroboramos com Álvarez (2011, p. 22) quando afirma:

Definimos el Museo Virtual de Pedagogía, Enseñanza y Educación, como una colección de artefactos electrónicos y de recursos informativos de todos aquellos bienes patrimoniales pedagógicos que se presten a la digitalización. En este caso, podemos incluir fotografías, dibujos, textos, imágenes, gráficos, documentos, base de datos, etc. Se trata de un conjunto patrimonial de objetos pedagógicos y de contenidos histórico-educativos que pueden ser guardados en un servidor electrónico y expuestos al público a través de la Web, para permitir –a través de la interacción y la intervención–, el reforzamiento de la actividad mental y emocional del público visitante. En el presente, este museo se está constituyendo como un medio eficaz, atractivo y sobre todo útil en el proceso de recuperación, conservación y difusión de nuestra historia educativa, una parte fundamental del patrimonio histórico y cultural, pilar de nuestra memoria histórica.

Neste sentido, a complementar esta proposta científica e pedagógico-didática, defendemos, ainda, a criação de um museu virtual, com as imagens de trabalhos

existentes, sobre a temática tratada, criados e desenvolvidos no quadro da exploração da *viagem/intercâmbio* e *residência artística* e a sua permanente interação com as comunidades civil e educativa – um reforço mais-valia da cidadania e da educação. Estamos, pois, empenhadas no desenvolvimento holístico do ser humano, na sustentabilidade da humanidade.

Daí que, se o mesmo existir, poderemos construir um acervo de memórias, itinerários artísticos e vivenciais (de quem a visita ou se fixa casualmente, o residente artístico)), numa localidade/comunidade, ou seja, a recolha de um conjunto de testemunhos de um tempo e espaço que se pautou pela necessidade de contrapor os sintomas de discursos antissociais denotados nas atuais sociedades contemporâneas.

## **Conclusão**

Da apologia de uma Cultura Visual/Cultura Didática configurada nas práticas artísticas informais e não formais, através da existência de *intercâmbios/viagens projetos* nas comunidades locais – Escolas do Ensino Básico, aos contatos/produtos artísticos que daí resultam, a multiculturalidade/interculturalidade artística, híbrida, recriada é, hoje, uma realidade em muitas regiões e localidades. Por outro lado, com a implementação de novos programas de intercâmbios, seja através da concessão de bolsas de estudo, estatais/privadas, de parcerias privadas/públicas, nacionais e internacionais, de residências artísticas, focalizadas em centros educativos nas comunidades, a educativa e a social, em galerias, museus, escolas e universidades e empresas culturais, estas constituem-se, deste modo, em centros produtores e difusores de produções artística e de narrativas, bem como de intervenção singular.

A proposta final apresentada – a da realização de um Museu Virtual – irá colmatar, em nosso entender, uma lacuna patente em muitos destes projetos, como gerir os trabalhos produzidos, como localizar espaços para fixar todo o material produzido resultante destes contatos – *viagens/intercâmbios*. Daí que, o mesmo irá propiciar uma gestão e curadoria artística-pedagógica eficaz, tanto ao nível da logística como do acompanhamento do respetivo processo de feitura das obras resultantes, em diferentes modalidades e espaços educativos.

Por último, a referir a nossa opção pela metodologia qualitativa narratológica, já que a mesma permitirá a triangulação de narrativas significativas semântico-visuais,

disponíveis, cruzando fontes e referentes variados, seguindo-se de uma avaliação dos artefactos em estudo, sejam artísticos, cívicos, semióticos, pedagógicos e didáticos.

## Referências Bibliográficas

- Acaso, M. (2009). *La educación artística no son manualidades – Nuevas prácticas en la Enseñanza de las Artes y Cultura Visual*. Madrid: Ediciones Los Libros de Catarata.
- Altheid, D., Coyle, M., DeVriese K. & Schneider, C. (2008). Emergent Qualitative Document Analysis, Chapter 6, pp. 127-151. In Sharlene Nagy Hesse-Biber & Patricia Lina Leavy (Eds.), *Handbook of Emergent Methods*. New York: The Guilford Press.
- Álvarez, P. (2011). Museos Virtuales de Pedagogía, Enseñanza y Educación: hacia una Didáctica del Patrimonio Histórico-Educativo. *Revista EARI - Educación Artística Revista de Investigación 2*, pp. 23-27. Valencia: Universitat de Valencia, Institut Universitari de Creativitat i Innovacions Educatives. Retirado de <https://ojs.uv.es/index.php/eari/article/view/2495/2043>
- Arantes, P. (2005). @rte e mídia no Brasil: perspectivas da estética digital. *Arte, tecnologia e novas mídias*. Vol.3 Nº.6, pp. 53-65. São Paulo: Editora Senac.
- Aznar, F. et al. (2000). Patrimonio, Figuración Gráfica Infantil y Aprendizaje. Relación dinamizada a través del discurso del lenguaje visual, pp. 65-84. In H. Belver (coord.). *Educación Artística y Arte Infantil*. Madrid: Editorial Fundamentos.
- Blanco, P. & Carrillo, J. (2001). *Modos de hacer. Arte crítico, esfera pública y acción directa*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Fiz, S. M. (1997). *Del Arte objetual al Arte de Concepto. Epilogo sobre la Sensibilidad "Postmoderna"*. Madrid: Ediciones AKAL, S.A.
- Freedman, K. (2002). Cultura visual e identidad, nº312. pp. 59-61. *Cuadernos de Pedagogía*. Logroño: Ed. Fundación Dialnet, Universidad de la Rioja. Retirado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=209782>
- Hernández, F. (2000a). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: ARTMED.
- . (2000b). *Educación y cultura visual*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- Lamas, E. P. R. (2011). Symposium – Perspectiva Dialógica Interdisciplinar - Para uma Aprendizagem Contextualizada, Activa e Significativa. *In Libro de Actas do XI*

*Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 4705-4715).  
Coruña: Universidade da Coruña.

Ministério da Cultura e Ministério da Educação (junho 2018). *Plano Nacional das Artes propõe a criação de um Projeto Cultural de Escola e um índice para medir impacto cultural das organizações*. Nota à Comunicação Social. Lisboa: MC e ME.

Moraes, M. dos S. (2009). *Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Retirado de [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos\\_Jose\\_tese.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos_Jose_tese.pdf)

Nóvoa, A. (org.). (1992). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora.

Pestana, A. (2010). *Educação – da prática artística à docente. As Pastas e os Blogues como dispositivos pedagógico-didáticos*, Tese de doutoramento. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Presidência do Conselho de Ministros. (2019). Plano Nacional de Artes – 2019-2024. *Diário da República*, 1.<sup>a</sup> Série - N.º 37 de 21 de fevereiro de 2019, pp. 1390-1393. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Retirado de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/PNA/Legislacao/pnartes\\_dr\\_21fev2019.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/PNA/Legislacao/pnartes_dr_21fev2019.pdf)

Saura, A. (2013). *Catálogo de Exposição Avatares*. Madrid: Ángeles Saura. Retirado de [https://issuu.com/artenlaces/docs/cat\\_\\_logo\\_expo-avatares-2012](https://issuu.com/artenlaces/docs/cat__logo_expo-avatares-2012)

Vale, P. P., Brighenti, S. B. & Pólvora, N. (Com. Ex.). (2019). *Plano Nacional das Artes – uma estratégia, um manifesto – 2019-2024*. Lisboa: Ministério da Cultura e Ministério da Educação. Retirado de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=00a06c3f-f066-4036-adc2-b030b946e6ba>